

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Paula Scarel de Medeiros

**A criança e a família: compreendendo a relação
comunicativa**

GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA
SÃO PAULO
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Paula Scarel de Medeiros

**A criança e a família: compreendendo a relação
comunicativa**

GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Moura.

SÃO PAULO
2011

Banca Examinadora

Prof. _____

Aprovado em: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Aos meus pais por acreditarem em mim e nunca deixarem que eu desista dos meus sonhos;

A minha avó por ter uma palavra de conforto nos momentos mais necessários;

As minhas amigas de república pela paciência;

A minha melhor amiga Camila, Larissa e Renata por sempre estarem ao meu lado me apoiando, de alguma forma;

As minhas amigas de faculdade por sempre me fazer levantar, em especial a Nathalia pela atenção sempre dada comigo;

A minha orientadora pela compreensão e por ser essa pessoa maravilhosa;

A minha parecerista por ser sempre prestativa;

As meninas do terceiro ano pela força nesse projeto.

SUMÁRIO

Resumo	6
Abstract.....	7
Introdução.....	8
Objetivo	13
.....	13
Objetivo Geral	14
Revisão Bibliográfica	15
Revisão bibliográfica.....	16
1. Deficiência Auditiva.....	16
2. Bilinguismo - Libras e Língua oral	17
3. Comunicação entre a criança surda e a família	19
Metodologia.....	22
Metodologia.....	23
Análise de Dados	24
Análise de Dados	25
1.Rodrigo	25
2.Marcela	27
.....	27
3.Giovana.....	29
4.Bruna	31
Histórico	31
Idade: 3 anos.....	31
Foi diagnosticada com 14 meses, com perda profunda bilateralmente. Com hipótese diagnosticada de rubéola congênita.....	31
5.Luana	32
Conclusão	35
Anexos.....	42
Anexos.....	42

Resumo

Para os ouvintes a audição normal determina sua habilidade em ouvir que determina, por sua vez, o desenvolvimento da fala. Aquele que tem dificuldades em ouvir passar a ser “classificado” como portador de uma “perda. auditiva” do ponto de vista médico. Essa perda auditiva pode levar a um atraso de linguagem e a dificuldades de relação entre a mãe/pai e a criança surda.

O objetivo deste trabalho foi verificar como se dá a interação comunicativa entre as crianças surdas e suas famílias. Para tanto cinco crianças que usavam os serviços da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), na área de Audiologia Educacional, com idade de 2 (dois) a 5 (cinco) anos foram observadas quando em interação com seus cuidadores que utilizavam ou não Libras, em situação de interação. Foram feitas gravações de trinta (30) minutos cada.

Nesse estudo observou-se que apenas uma das crianças analisadas teve comunicação real entre a criança e seu pai, em que se comunicavam por Libras e linguagem oral. Já nas demais gravações as crianças apenas se comunicavam pela linguagem oral e tiveram linguagem espontânea muito rudimentar. Foi observado também que na situação do brincar os outros familiares tomavam o papel de terapeuta.

Conclui-se a utilização de sinais na amostra estudada foi a melhor alternativa para existir a real comunicação entre crianças surdas e suas famílias, Ainda que o número de sujeitos tenha sido pequeno percebeu-se que a utilização de sinais permitiu que a criança entendesse como é o funcionamento da língua.

Palavras Chaves: surdez, linguagem, família, comunicação

Abstract

For hearing people the normal hearing determine their ability to hear what determines, in turn, the development of speech. The one who has hearing difficulties will be "classified" as having a "hearing loss" from the medical point of view. This hearing loss can lead to language delay and difficulties in the relationship between the deaf child and the mother/father.

The objective of this study was to investigate how occurs the communicative interaction between a deaf children and their families. For this purpose five children who used the services of the Division of Education and Rehabilitation of Communication Disorders (Derdic) in the area of Educational Audiology, aged 2 (two) to 5 (five) years were observed when interacting with their caregivers who used or not Libras in a interaction situation. Recordings were made of thirty (30) minutes each.

In this study we found that only one of the children studied had real communication with his father, who communicated by Libras and oral language. In the other hand, in the other recordings the children communicated only by oral language and their spontaneous language were very rudimentary. We also observed that in the playing situation the other family members took the role of a therapist.

We conclude that the use of signs in the sample studied was the best alternative to achieve real communication between deaf children and their families, Though the number of subjects was small it was noticed that the use of signs allowed the child to understand how is the functioning of language.

Keywords: deafness, language, family, communication

Introdução

Introdução

A audição é responsável por propiciar o acesso às informações sonoras que nos rodeiam, sendo o sentido que mais nos coloca dentro da comunicação humana.

Para os ouvintes ter uma audição normal é determinado por sua habilidade em ouvir que determina, por sua vez, o desenvolvimento da fala. Aquele que tem dificuldades em ouvir passa a ser “classificado” como portador de uma “perda”.

Vemos em Kessler (2008) que:

O sentido fisiológico de ouvir impõe-se como uma norma positiva para uma boa comunicação: falar e ouvir. Assim, funda-se uma identidade pela oposição surdo-mudo versus ouvinte-falante (p.52).

Fica assim colocada a dicotomia entre o “normal” e o patológico.

Sánchez (1990, apud KESSLER, 2008) ressalta que a educação de surdos, no século XVI, tinha como propósito desenvolver a comunicação. Por esse motivo, ensinavam a falar e a compreender a fala por meio da leitura labial, a ler, escrever e comunicar-se mediante a digitalização da língua escrita com as mãos. Embora os sujeitos surdos utilizassem sinais como meio de comunicação, estes não eram considerados como uma língua.

Para Davis (1995), no final do século XVIII existiu um grande fascínio pela surdez, mas isso só ocorreu porque os filósofos queriam saber a diferença entre o humano e o selvagem. Os surdos e as crianças selvagens, ou seja, crianças criadas em isolamento, estavam em um mesmo patamar de comparação. Eram considerados como exemplo de humanos que não foram afetados pela cultura e civilização.

Kessler (2008, op. cit.) afirma que para alguns autores o significado da surdez vem vinculado à representação de surdo-mudo e que essa classificação foi usada durante séculos, sendo esta a forma de rotular as crianças que nasciam surdas.

Pode-se verificar que, no decorrer da história, os surdos eram subjugados e tidos como pessoas incapazes, por se acreditar que pensar não era possível sem a linguagem e, por consequência, esta não se desenvolvia sem a fala (MOURA, 2000).

Atualmente os surdos vivem em outro momento histórico que, ainda que diferente, reflete as ideias do passado. Hoje já possuem uma Comunidade Surda, na qual têm seu próprio sistema social que engloba um grupo de pessoas no compartilhamento de metas e responsabilidades. É uma cultura, chamada de cultura Surda, na qual compartilham uma língua. Alguns fazendo uso do bilinguismo (linguagem oral e/ou escrita e Libras). Sua cultura é caracterizada por valores, regras de comportamento e tradições (MOURA, 2008).

Até esse momento discutimos a questão da surdez numa perspectiva sócio histórica (SKLIAR, 1997). Vejamos agora como a surdez é vista do ponto de vista médico. A interpretação na clínica médica é que a surdez é vista como uma patologia, uma deficiência que precisa ser tratada, que há uma cura. Nessa visão, o surdo é visto como um doente que precisa ser curado, razão da indicação de aparelhos auditivos e mais recentemente de implantes cocleares.

Linguisticamente é comum se relacionar a época do aparecimento da surdez com o período de desenvolvimento linguístico. A surdez é considerada pré-linguística se ocorre antes da aquisição de linguagem e pós-linguística quando aparece depois dos dois anos de idade, segundo Nascimento (2002).

O período de incidência da surdez traz consequências no desenvolvimento da linguagem. Acreditamos que a linguagem, como atividade, além de abrangente, propicia o desenvolvimento das funções comunicativas e cognitivas da linguagem (GASPERI, DANESI, 2004) assim como é elemento central na constituição do indivíduo (MOURA, 2008).

Quando pensamos na surdez temos que entender que quanto mais tarde ocorre a perda auditiva maior o desenvolvimento da linguagem oral que o indivíduo conseguiu realizar. Nestes casos, a fala já construída fica consolidada (GOLDFELD, 2002).

Entretanto, quando a surdez acontece mais cedo na vida da criança, ela poderá apresentar um atraso grande em seu desenvolvimento de linguagem e conseqüentemente poderá enfrentar diversas dificuldades ao longo de sua trajetória acadêmica.

Os autores Brito (1995), Skliar (1997) e Fernandes (1989) acreditam que ao sofrer atraso de linguagem, ocasionado pela perda auditiva, o surdo terá como consequência problemas emocionais, sociais e cognitivos e, estes influenciarão diretamente todo o processo de aprendizagem e também na sua constituição de identidade.

É importante expormos o impacto que causa nas famílias a experiência com a surdez, pois são pelas famílias, primeiramente, que os sujeitos se inserem no mundo social e culturalmente.

Em seu estudo, Kessler (2008,op. cit.) procura compreender o discurso sobre o sentido de surdez que se transforma em atitudes para com os sujeitos surdos e que acaba produzindo efeitos em sua constituição como sujeito simbólico. A autora mostra que existe um fator em comum entre as mães estudadas, que é o de seus filhos serem surdos, mas os relatos feitos por elas não são únicos. São mães que pertencem a distintas formações sociais, sofrendo diferentes influências e seus questionamentos diferem de acordo com a sua história de vida e isso implica em diferentes tomadas de decisão pelas mães.

A surdez pode ser vista de diferentes modos para cada indivíduo que a interpreta. No caso de indivíduos que adquiriram a surdez ou nasceram com ela há impactos diferentes, dependendo da configuração de cada família.

Nesse trabalho lidaremos com a questão de surdos pré-linguísticos. Sabe-se que o nascimento de uma criança com qualquer tipo de deficiência traz outra

realidade para a família. De acordo com MacCollum (1984) os pais perdem as expectativas e os sonhos que haviam construído em relação ao futuro daquela criança que nasceu.

No entanto, a família acaba procurando meios de se adequar à nova realidade. Desenvolvem duas maneiras de lidar com a informação: enfrentando e reagindo (MILLER, 1995). Enfrentar significa que farão o que for preciso para lidar com problemas e seguir em frente. E reagindo significa que vão se adaptar de algum jeito ao problema encontrado.

Harrison (1994) afirma que as dificuldades dos pais para aceitar o diagnóstico de surdez aparecem antes mesmo da confirmação do diagnóstico, pois percebem que há algo de diferente em seus filhos. Esperam que, na opinião dos outros encontrem conforto, ouvindo exatamente que aquela preocupação era um exagero.

No momento em que há confirmação de surdez, todas aquelas preocupações eclodem ao mesmo tempo com bastante intensidade. A partir deste momento há uma tendência do sentimento dos familiares passar por diversas fases, como choque, reconhecimento, negação, aceitação e ação construtiva. Todas essas reações englobam uma reação geral, a reação do luto. (LUTERMAN, 1979 apud HARRISON, 1994). O autor ainda propõe trabalhar com os pais as dificuldades de se ter um “novo” filho, com intuito de que essa família possa ter uma relação saudável, tanto entre eles quanto com o mundo além da surdez

Pode-se dizer que a passagem da concepção da surdez como algo patológico para a concepção da surdez como algo inerente ao filho, é um indício de aceitação.

A reação de choque transparecida pelos pais ocorre independente da idade da criança e da época que o diagnóstico de surdez foi dado (VERNON E MINDEL, 1971, apud HARRISON, 1994). Esses autores ainda citam que a descrença que os pais sentem, evolui para a pergunta: “Por que isso aconteceu comigo?” e podem relacionar a surdez a algum tipo de punição a algo errado que tenham feito.

Levando em consideração o que vimos acima, percebemos a importância da família na constituição do indivíduo surdo. Tendo por base essa questão, decidimos realizar uma pesquisa com a finalidade de tentar compreender como se dá a relação comunicativa entre os familiares e a criança surda dentro de casa.

Objetivo

Objetivo Geral

Verificar como se dá a interação comunicativa entre crianças surdas e suas famílias.

Objetivos Específicos

1. Verificar se as estratégias usadas são efetivas para estabelecer uma comunicação real entre a criança surda e sua família.
2. Verificar se há comunicação real entre a criança surda e sua família.
3. Verificar qual a língua utilizada nessa interação: Português ou Libras.

Revisão Bibliográfica

Revisão bibliográfica

1. Deficiência Auditiva

O órgão fundamental da comunicação humana é o ouvido. A criança com audição normal não tem dificuldade para adquirir linguagem. Já uma criança com perda auditiva fica impossibilitada de se comunicar, por não ser compreendida e não compreender a não ser que ela conte com trabalho específico fonoaudiológico que lhe possibilite o desenvolvimento de linguagem ou que tenha a possibilidade de usar Libras precocemente.

Segundo a American National Standards Institute (ANSI - 1989), a audição é de fundamental importância para nós, seres humanos, pois é por meio dela que desenvolvemos a comunicação oral, além de constituir-se como um mecanismo natural de defesa e alerta na vigília e no sono.

A maturação do sistema nervoso central leva ao desenvolvimento do sistema motor e dos processos mentais. Por isso, quando uma deficiência auditiva não é detectada, principalmente entre zero e três anos, pode ocorrer comprometimento do desenvolvimento da linguagem que é dependente da audição que envia estímulos para o sistema nervoso central.

Segundo Cecatto et al (2003), o sistema auditivo periférico é totalmente formado quando nascemos, enquanto o sistema auditivo central passa por um processo de amadurecimento que perdura por alguns anos. Este período corresponde ao de maior plasticidade neuronal da via auditiva, e o amadurecimento depende da quantidade e da qualidade dos estímulos externos captados. A ausência de estimulação auditiva adequada na infância pode impedir o total desenvolvimento e amadurecimento das vias auditivas centrais (Silva et al. 2006)

Além disso, a deficiência auditiva caracteriza-se por uma alteração do funcionamento do sistema auditivo que acontece em diferentes faixas etárias, em decorrência de fatores endógenos e exógenos, podendo ser reversível, progressiva ou permanente. Na idade adulta pode prejudicar imensamente a qualidade de vida e

a integração na sociedade (ALMEIDA, 2003 e VIEIRA et al, 2007 ; AMORIM e ALMEIDA, 2007).

De acordo com a *World Health Organization* (2006), as perdas auditivas podem ser classificadas quanto ao tipo (neurossensorial ou condutiva), lateralidade, simetria, característica clínica (sindrômica ou não), momento de aquisição (congenita, peri ou pós-natal), hereditariedade (genética ou não), momento de manifestação (pré-lingual, perilingual ou pós-lingual). Podem também ser classificadas quanto ao grau, sendo este um fator bastante importante em relação às possibilidades de reabilitação, associado também à capacidade de resposta para fala (ANSI, 1989).

2. Bilinguismo - Libras e Língua oral

De acordo com Góes (1999) para a linha dos gestualistas, os surdos apresentam e desenvolvem, embora que de forma diferente, uma linguagem eficaz para comunicação. Já na abordagem oralista, se exigia que o surdo deixasse sua condição, no caso de surdo, e agisse (comportamento e fala) como um ouvinte. Apesar de existir no processo histórico o uso de sinais, a proposta oralista foi ganhando espaço e se desenvolvendo.

Segundo Sánchez (1990, apud KESSLER, 2008), o propósito da educação deixou de ser o de oportunizar acesso ao conhecimento para tornar-se o que ele chama de uma pedagogia ortopédica, dirigida a ensinar o sujeito surdo a falar. O modelo de referência oralista é um modelo clínico, em que a surdez é medicalizada e considerada como um déficit .

O fato de os sujeitos surdos estarem em uma sociedade que tem por característica dominante o uso de uma língua oral, impõe-se a eles a necessidade do aprendizado da fala e da modalidade escrita da língua. Para muitos surdos a língua oral é compreendida como algo acessório, não constituindo um fator de identificação com a cultura surda. Um outro fator de relevância nas propostas bilíngues é o fato de que devem assegurar um papel de destaque aos adultos surdos, uma vez que precisam ser oportunizados contatos com adultos que representem uma referência positiva às crianças surdas e às suas famílias (

KESSLER 2008).

KUBASKI & MORAES (2009) acreditam que a proposta bilíngue traz uma grande contribuição para o desenvolvimento da criança surda, reconhecendo a língua de sinais como primeira língua e mediadora da segunda: a língua portuguesa. O bilinguismo favorece o desenvolvimento cognitivo e a ampliação do vocabulário da criança surda.

Os mesmos autores afirmam que ao aprender a língua de sinais, as crianças surdas acessam conhecimentos sobre a comunidade surda e passam a tê-la como sua comunidade, assim criando uma nova forma de ver o mundo. Já o uso da língua portuguesa dará oportunidade de maior acesso ao mundo dos ouvintes, ou seja, ter acesso à sociedade majoritária.

Para Grosjean a língua de sinais deve ser a primeira língua adquirida pelas crianças surdas por ser uma língua que assegura uma comunicação completa e integral. Diferentemente da língua portuguesa, a língua de sinais permite às crianças surdas pequenas se comunicarem com os pais, desde que ambos adquiram essa linguagem. O aprendizado da língua de sinais possibilitará à criança compreender o que está sendo falado e a levará a ter uma aquisição facilitada da língua oral. Finalmente, o fato de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança seja inserida no mundo, ao menos de uma maneira, dentro de um grupo de iguais com quem ela se sentirá confrontável em decorrência da igualdade (MOURA, 2000).

O mesmo autor relata que a segunda língua das crianças surdas será a língua oral do seu país. Esta língua, na sua modalidade falada e/ou escrita, normalmente é a língua da sociedade que os cerca. Quando os familiares convivem com a criança surda e não conhecem outro meio de se comunicar a não ser pela língua oral, é importante que haja algum meio de comunicação, pois, essa língua mesmo que na modalidade escrita, será um meio importante para a aquisição de conhecimentos. Grande parte dos nossos conhecimentos é transmitida por meio da escrita

O bilinguismo com relação à criança surda significa utilizar-se da língua de sinais, usada pela comunidade surda e a língua oral usada pelos ouvintes. Em cada criança essas línguas terão papéis diferentes, sendo que em algumas crianças

predominará a língua de sinais em outras predominará a linguagem oral e terão outras que o uso será igual para as duas línguas (GROSEJAN).

De acordo com o mesmo autor, como outras crianças bilíngues, as crianças surdas também usarão dois tipos de línguas, sendo que estas serão pertencentes a dois mundos diferentes, o mundo ouvinte e o mundo surdo.

Entendemos que as duas línguas não competem uma com a outra, apenas se complementam e, apresentam diferentes funções. (MOURA, CAMPOS, VERGAMINNI 2008, p.122).

3. Comunicação entre a criança surda e a família

Embora a criança desde muito cedo esteja envolta por relações amplas, é na relação mãe-pai-bebê que ela constitui sua estruturação como sujeito e dessa relação é constituído o aparato emocional que origina a estrutura de sujeito e sua linguagem. A família continuará moldando esse sujeito em seu permanente processo de transformação. É importante que a família possua uma dinâmica de funcionamento positiva para que, através de sua constituição parental, desenvolva o Eu da criança em direção a uma diferenciação. Diferenciação essa que precisa ser construída desde o início, em um acolhimento das potencialidades individuais e demandas afetivas da criança (PASSOS, 1996). Winnicott afirma que “tudo começa em casa”, ou seja, tudo depende das vivências descritas anteriormente.

O mesmo autor afirma que isso só é possível com o acolhimento da mãe que, se oferecendo como o outro, permitirá que o bebê caminhe atribuindo sentido próprio e a partir deste momento sendo sujeito do seu próprio desejo. É a partir da relação mãe-bebê que emerge a linguagem, ou seja da interpretação feita pela mãe dos gestos, dos sorrisos, das mímicas expressas pelo seu filho. É essa relação inicial que une mãe e bebê e posteriormente os inserem no âmbito social com os demais membros da família.

De acordo com Dolto (1981, apud PASSOS, 1996) quando a criança está na primeira infância quase sempre o sintoma é uma reação aos conflitos parentais. Para ela as crianças são reflexos de seus pais. A manifestação dos sintomas de impotência que emerge nas crianças é um reflexo às angústias ou a processos de angústias de seus pais. Portanto os filhos são suporte das tensões conjugais vividas pelos pais, tensão essas que tendem a piorar de acordo com o silêncio em torno dos filhos.

Não se trata de uma relação em que qualquer situação conflitante entre os pais vai gerar um sintoma dessa ordem. A mensagem da criança se revela das formas mais variadas, seja de um único sintoma ou vários sintomas, sendo o sintoma da linguagem muito eficiente, pois depois de explicito, os pais focam suas preocupações na criança, afastando os demais problemas (PASSOS, 1996). Vê-se, assim, a complexidade de desenvolvimento da linguagem que no caso da criança surda toma outros caminhos

A criança surda, em geral, não tem habilidades sociais suficientes para iniciar uma interação seja para desenvolver a mesma seja para satisfazer o desejo do seu interlocutor. Porém se essa criança tem a possibilidade de desenvolver um bom nível de linguagem, seja ela gestual ou oral, o tipo de relação que se estabelece é parecido com o de uma criança ouvinte (MARCHESI,1996). Segundo o autor, estudos feitos sobre as relações entre os pais ouvintes e a criança surda na idade pré-escolar indicam uma grande probabilidade que as interações diminuam devido a dificuldades de comunicação.

Assim a identificação da perda auditiva e a intervenção fonoaudiológica nessas crianças adquirem grande importância para o processo de adaptação. Nesse processo o adulto desempenha um papel crucial por estabelecer e facilitar as trocas comunicativas (BRITO E DESSEN,1999). As mesmas autoras afirmam que o modo como os indivíduos se comportam é influenciado por seus padrões sociais vinculados à estrutura sociocultural à qual pertencem.

Luterman (1979, apud HARRISON, 1994) afirma que os pais ao receberem o diagnóstico têm reações bastante previsíveis, como a de choque, reconhecimento, negação, aceitação e ação construtiva. A junção de todas engloba uma reação

geral, a de luto. O suporte de profissionais pode ajudar a família a passar por essas fases, compreendendo os sentimentos envolvidos e podendo, assim, se dedicar à criança.

A modalidade de linguagem escolhida pela família da criança surda depende da sua concepção sobre a surdez que é atribuída pelos profissionais que a acompanham e das expectativas que são depositadas em seu filho.

Por ser ouvinte é esperado que a família opte pela linguagem oral, forma habitual da sociedade que ela conhece. No entanto, conforme a interação mãe-criança vai acontecendo, a representação que a mãe faz sobre a potencialidade linguística de seu filho determinará a modalidade usada, se será gestual ou oral. (SILVA, PEREIRA, ZANOLLI 2007).

Os pais tendem a tomar iniciativa nas interações e fazer uso das funções comunicativas, mas sem se preocuparem com a resposta da criança e lhe oferecendo poucas alternativas de resposta, o que acaba restringindo a participação dela nas interações. Um exemplo desse controle é quando os pais ao falar colocam o objeto que será mencionado na frente da criança, sem se preocuparem em fazer a criança participar ativamente no jogo de linguagem (BRITO & DESSEN, 1999).

O estudo de Bodner-Johnson (1991, apud BRITO & DESSEN, 1999), mostrou que as trocas verbais ou gestuais dirigidas às crianças surdas influenciam em sua participação nas conversas familiares, constituindo um importante desenvolvimento nas interações familiares.

Para Greenberg (1984, Apud BRITO & DESSEN, 1999), o uso precoce da comunicação oral e gestual (bimodal) pode prevenir possíveis problemas que algumas crianças surdas possam enfrentar e promover interações familiares satisfatórias

Metodologia

Metodologia

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o protocolo de no. **209/2011**, sendo aprovado por não oferecer nenhum dano aos sujeitos da pesquisa do ponto de vista ético (Anexo I).

Para a realização dessa pesquisa foram feitos os seguintes movimentos: a seleção dos sujeitos para a pesquisa, a coleta dos dados e a análise dos dados.

Para a coleta de dados foram selecionados cinco (5) sujeitos que usavam os serviços da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), na área de Audiologia Educacional, com idade de 2 (dois) a 5 (cinco) anos. Foram feitas gravações de trinta (30) minutos cada, com familiares de crianças surdas que utilizavam ou não Libras, em situação de interação.

As gravações em vídeo foram realizadas pelas informações do objetivo, métodos de coletas e análises. As famílias assinaram um termo de consentimento livre esclarecido (anexo 1) autorizando a divulgação das informações fornecidas durante as gravações e foram informadas que poderiam desistir de participar da coleta em qualquer momento, no período de vigência da pesquisa. A análise de dados será feita por meio de uma abordagem metodológica naturalista/observacional, conforme discutido por Perroni (1996). Dentre as várias vantagens deste método, destaca-se o fato de permitir uma análise detalhada e completa dos processos de desenvolvimento. Assim, *“... Ao recuperar a história do dado, por meio da descrição de suas condições de produção, podem [os estudos feitos nessa linha] permitir identificar a constituição histórica do sentido”* (PERRONI, 1996, p. 22).

Análise de Dados

Análise de Dados

A gravação foi realizada em uma sala de terapia Fonoaudiológica, em uma situação de interação da criança com a mãe ou o pai.

1. Rodrigo

Histórico

Idade: 5 anos

Nasceu surdo, falhou na triagem auditiva, sendo a causa da surdez desconhecida. Foi definitivamente diagnosticado quando tinha 1 ano.

A perda é profunda na orelha esquerda, e severamente profunda na orelha direita. Ele não está implantado, pois de acordo com exames realizados no Hospital das Clínicas, ele tem um ótimo aproveitamento com o aparelho de amplificação sonora, que faz uso dos mesmos desde quando tinha 1 ano e 6 meses.

Está em atendimento desde fevereiro deste ano, duas vezes na semana, A linha trabalhada na terapia, é estimular a oralidade, usando a Libras se for necessário.

No dia da gravação tinha perdido o aparelho de amplificação sonora, a dois dias, do lado que escuta melhor.

Comunica-se por gestos demonstrativos e linguagem oral.

Sua mãe é ouvinte e se comunica por linguagem oral

Descrição do Vídeo

Nessa atividade, foram utilizados os brinquedos Lince e Trepá-Trepá. Pode-se observar que a mãe tenta estabelecer uma comunicação entre ela e seu filho. Além de usar a fala, utiliza-se do artifício de apontar a figura que precisa ser achada pela criança, como auxílio e para estímulo na brincadeira. Isso ocorre de forma

diferente do que é demonstrado na amostra feita por Pereira (1987), no qual apenas as crianças iniciavam as interações e propunham situações de comunicação.

No mesmo estudo da autora nota-se que os pais na situação proposta nas gravações, que seria a do brincar, não se interessam pelo que está acontecendo naquele momento. Já no vídeo nota-se que a mãe respeita turnos certifica-se de que o menino entendeu, por meio de gestos demonstrativos, pede coisas a seu filho, como por exemplo, para esperar.

Ela cria uma situação lúdica ao pegar o telefone de brinquedo e fingir que tem alguém querendo falar com R.

Em alguns momentos foi necessário o artifício do comando pela oralidade para mantê-lo focado na brincadeira, por exemplo, “não”, “pega direito o brinquedo R.” A mãe consegue com êxito que ele obedeça e continue a brincadeira. Nesse momento R. fica atento à mãe esperando o que vem a seguir, mas logo em seguida, ele se dispersa de novo e acaba fazendo o que deseja.

A mãe espera a resposta da criança mesmo que esta não seja dita, mas sim representada, por exemplo, ao perguntar: “Onde está a laranja?”, R. procura a figura no tabuleiro e a coloca em cima do local indicado, sem responder nada. Apenas procura o que é pedido.

No diálogo entre mãe e filho há uma comunicação apenas por comandos simples, no qual ambos se entendem. Porém ao iniciar um diálogo mais complexo, a comunicação entre mãe e criança passa a ser ininteligível, mas mesmo assim não há desistência por parte da mãe em entender o que é dito pelo menino. Nesse momento ele faz gestos demonstrativos para conseguir expressar o que deseja e há uma compreensão maior de sua mãe, mas mesmo assim não é possível entender todos os seguimentos falado pela criança.

Durante os diálogos nota-se que a mãe não desiste de falar, mesmo que R. não entenda e tenta certificar-se de que ele entendeu, como por exemplo, quando pede para o filho pegar algo ele não o faz, ela repete para que o mesmo possa compreender. Obtendo êxito na compreensão da criança.

Tanto a mãe quanto a criança iniciam turnos comunicativos, sempre há resposta da criança ao que lhe é solicitado mesmo que indiretamente, como por exemplo, quando a mãe pergunta onde está a figura tal e ele responde procurando. Sua fala mesmo sendo pouco presente, é pertinente dentro do contexto exposto naquele momento.

Ambos mantêm contato visual, procurando interagir um com o outro.

Ao comparar a linguagem de uma criança ouvinte da mesma idade encontramos uma defasagem significativa no desenvolvimento de linguagem de Rodrigo, como por exemplo, uma criança de cinco anos pode falar de forma muito mais próxima a fala de um adulto, é capaz de compreender e seguir um comando de dois níveis corretamente, como “pegue seu tênis branco e coloque na sapateira da mamãe”, expressa seus sentimentos e emprega verbos do tipo “penar”, “lembrar”, fala de coisas ausentes e usa palavras de ligação entre as frases, como: “e então”, “mas”, “assim”. Há um contínuo aumento de entendimento e produção de frases mais complexas nessa fase, fazendo com que as crianças saibam quando estão brincando com elas (piadas).

Pode-se concluir que durante esse vídeo, há uma relação comunicativa entre mãe e filho, mesmo que primária para uma criança de 5 anos . A comunicação que se pode observar é característica de uma criança de um ano . A surdez deixa a sua marca no desenvolvimento de linguagem dessa criança que mostra um atraso de linguagem significativo.

2. Marcela

Histórico

Idade: 5 anos

Nasceu com perda auditiva profunda , nas duas orelhas. Com 1 ano foi diagnosticada com perda auditiva com causa desconhecida, aos 3 anos fez implante no lado esquerdo. Usa aparelho de amplificação sonora individual no lado direito há 4 anos.

Há 2 anos faz terapia fonoaudiológica, duas vezes por semana. A linha trabalhada é a oralista.

Comunica-se por linguagem oral

Sua mãe é ouvinte e se comunica por linguagem oral

Descrição do Vídeo

O vídeo tem duração apenas de 11min, pois a criança não quis mais brincar.

Nessa interação foi utilizado o brinquedo Lince e pode-se observar que a mãe sempre olhava para a filha para que houvesse interação comunicativa, mas a Marcela mesmo fazendo troca de olhar, o fazia bem menos que sua mãe.

A mãe não se importa com que a filha fala, mudando de assunto, por exemplo, quando a filha aponta para a porta e diz Ana. A mãe a ignora e continua a pergunta coisas sobre o jogo. O único momento que a mãe se preocupa com o que a filha está dizendo é na hora que M. repete as palavras ditas por ela, pois há uma insistência da mãe quanto a isso.

Para se comunicar ambas usam a fala e os gestos como: apontar, sinalizar algo, por exemplo, para colocar a peça na mesa, M. bateu com a mão na mesma, utilizando também a fala.

Nota-se em todos os momentos do vídeo a compreensão da criança do que é dito pela mãe, mas não é sempre que a mãe compreende o que M. diz. Na maior parte do tempo a fala da criança é utilizada unicamente para responder o que lhe é perguntando e para repetir se a mãe lhe pede para fazê-lo em razão da articulação não estar boa. Por exemplo, quando a mãe pergunta o que é uma figura e M. responde uma banana, mas a articulação não é muito boa, a mãe repete a palavra e espera que a criança repita de novo. Percebe-se aí que a mãe toma o papel de terapeuta, se preocupando com a forma da fala de sua filha e não realmente em se comunicar. Isso tem como consequência a falta de estimulação de uma linguagem espontânea, que deveria acontecer no dia a dia da criança, o que pode levar a um atraso em seu desenvolvimento de linguagem oral.

Durante todos o momentos do vídeo ambas respeitam os turnos, esperam a resposta para começar a falar. A criança raramente inicia turnos, pois nessa comunicação em que é apenas um reforço daquilo que é dito não há necessidade de espontaneidade, apenas é necessário repetição, ou seja, não há necessidade em que M. inicie um diálogo.

Ao assistir a gravação tem-se a impressão que há uma relação ensino/aprendizado, é algo mecânico, e não simplesmente um brincar. Como consequência a mãe toma o lugar de professora, não se preocupando com a brincadeira e fica mais preocupada se a pronúncia que a filha faz está correta, ou seja, a criança é apenas exposta a palavras isoladas que não tem relação com a linguagem espontânea que se encontra no dia a dia,

Conclui-se que há uma interação mãe-criança, mas ela só acontece através do ensino, ou seja, a mãe utiliza-se do artifício mecânico em que ela fala e a criança deve repetir. Consequentemente a criança se desinteressa facilmente pelo que tinha sido proposto, tendo-se então uma gravação de curta duração.

3. Giovana

Histórico

Idade: 5 anos

A causa de sua perda auditiva foi a mãe ter pegado rubéola durante o período gestacional.

Foi diagnosticada com 3 anos de idade.

Tem perda auditiva profunda na orelha direita e severa na orelha esquerda.

Usa aparelho de amplificação sonora individual bilateralmente desde outubro de 2008.

Está em atendimento desde março de 2008, inicialmente duas vezes por semana, atualmente uma vez por semana. A linha de trabalho é o bilinguismo, ou seja, linguagem oral e língua de sinais.

Estuda no IESP - DERDIC

Comunica-se por linguagem oral e Libras

Seu pai é ouvinte e se comunica por linguagem oral e Libras

Descrição do Vídeo

Nessa gravação os brinquedos utilizados foram folha de sulfite, lápis de cor, caixa registradora, bonecas e um jogo. Em todo o vídeo houve contato visual entre pai e filha.

Nos primeiros 3 minutos de vídeo pode-se observar que G. senta de um lado da mesa e o pai de outro, desenhando sozinha e demandando do pai comunicação, ele responde e em alguns momentos dá sugestões. Fazendo isso a criança demonstra que inicia turnos comunicativos.

Ao trocar de brincadeira G. demanda ainda mais de seu pai, chamando-o a participar, por exemplo, ao mostrar que precisa de cartão para passar na máquina registradora.

Durante as brincadeiras pode-se observar que a filha usava a fala e o pai a Libras, sendo que muito raramente o pai utilizava a fala. Foram utilizados também gestos demonstrativos por ambos. A criança faz emissões a maior parte do tempo, no formato de comandos simples como “cadê?, esse?, papa.” Em alguns momentos a fala da criança é difícil de ser entendida, então ela faz gestos para fazer-se entender. Durante toda a gravação fica claro que pai e filha se compreendem, e não desistem do que estão falando até que tenham a garantia que o outro entendeu.

Ao trocar de situação lúdica novamente a configuração da sala já é diferente, pai e filha agora sentam um perto do outro para que possam brincar melhor. Nos minutos finais da gravação cria-se uma situação lúdica em há uma compra a ser

feita e G. é a caixa de uma loja, o pai é o comprador que vai comprar uma boneca. Ele leva a sua nova aquisição ao caixa e a compra. A filha guarda a boneca em uma sacola para ele levar. Ambos realizaram uma comunicação ao realizarem essa situação proposto pela filha e essa comunicação é efetiva.

É possível reafirmar que há interação comunicativa significativa e efetiva entre pai e filha.

Conclui-se que durante a gravação a pai se preocupa com o brincar, em que as atividades são ligadas ao cotidiano. A estimulação vem da linguagem espontânea sendo que o pai lança mão da Libras.

4. Bruna

Histórico

Idade: 3 anos

Foi diagnosticada com 14 meses, com perda profunda bilateralmente. Com hipótese diagnosticada de rubéola congênita.

Em fevereiro deste ano pois implante coclear no lado direito e no lado esquerdo tem aparelho de amplificação sonora individual e o usa desde os 16 meses.

Está em atendimento fonoaudiológico desde setembro desse ano, duas vezes por semana. Trabalha-se durante as terapias a atenção aos sons, pois ela não escuta quase nada.

Comunica-se por linguagem oral

Sua mãe é ouvinte e comunica-se por linguagem oral

Descrição do Vídeo

Nesse vídeo os brinquedos utilizados foram cara a cara maluco, bonecas e lego.

A tentativa de B. em falar é a vocalização do “a”, tendo como intenção de falar e como reclamação. Mãe utiliza-se em alguns momentos de comandos e passa o tempo todo se comunicando pela fala.

Durante toda a gravação a mãe inicia turnos comunicativos na tentativa de conseguir uma interação com a filha, Pode-se ver também que ambas fazem contato visual todo o tempo. B. é muito desorganizada, quer brincar com tudo disponível ao mesmo tempo. A mãe tenta organizá-la de forma que ela comece e termine a brincadeira utilizando a mesma coisa, para que depois pegue outro brinquedo. Depois de várias tentativas ela obteve o sucesso.

No início da gravação B. não respondia o que a mãe solicitava e não esperava a sua vez, mais com o passar da gravação nota-se que B. responde e espera a sua vez. Em alguns momentos a mãe não entende o que a criança pede, mas vai fazendo tentativas até conseguir.

A maior parte do tempo a mãe usa os brinquedos para realizar estímulo auditivo na filha e espera que ela repita os estímulos dados. No começo a mãe não obtém sucesso, até que finalmente a criança começa a emitir. Consequentemente a estimulação se dá pela vocalização, em que a criança responde com a mesma vocalização da mãe e a mesma vai brincando com a vocalização. Nota-se que a partir do momento em que a criança quer algo, ela faz a mesma vocalização e pede o brinquedo, pois é isso que ela aprende com a mãe nesta relação. Se a mãe se utilizasse de outros meios para se comunicar talvez essa criança usasse de outro artifício.

Pode-se perceber uma grande defasagem no desenvolvimento de linguagem dessa criança em que ela ainda não nomeia nem junta vocábulos para se comunicar.

Conclui-se que há uma comunicação entre mãe e filha mesmo que alguns momentos essa comunicação esteja vinculada com estímulos para que ela ouça. Isso acontece, pois a mãe toma o papel de terapeuta e não se preocupando tanto com a brincadeira, mas na estimulação que ela deve fazer para a filha

5. Luana

Histórico

Idade: 3 anos

Descobriu a perda auditiva no começo do ano, não sabe o motivo;

Tem perda profunda;

Usa aparelho de amplificação sonora individual desde o começo desse ano, no lado esquerdo,

Foi implantada em junho deste ano, no lado direito;

Comunica-se por meio de gestos;

Está há 3 meses em terapia fonoaudiológica, duas vezes por semana. Trabalha-se durante as terapias a atenção aos sons, pois ela não escuta quase nada com o aparelho de amplificação sonora nem com o implante coclear

A terapia segue um a linha oralista.

Sua mãe é ouvinte e se comunica usando a linguagem oral

Descrição do Vídeo

Nessa gravação foram utilizados os brinquedos cara a cara maluco, sino, tambor, mãos maluca, lego e boneca.

Durante todo o vídeo há contato visual, mãe e filha se comunicam por gestos e em alguns momentos a mãe fala.

Constatou-se em alguns momentos que a mãe não desejava brincar com a criança, pois no início do vídeo ela diz não querer fazê-lo e depois ela fica olhando na direção da câmera sem esboçar nenhuma ação.

A filha começou a brincar e a demandar da mãe sua atenção. A mãe ao responder faz só que com mostre as respostas para ela, como por exemplo, ao mostrar onde encaixar a peça do lego. B tenta pronunciar algo, mas apenas articula como se fosse falar, mas não sai nenhum som.

Durante toda a situação lúdica a mãe faz testes auditivos para ver se a criança está escutando, em um momento coloca o sino atrás de L. depois pega uma

peça do lago e bate embaixo da mesa. A mãe repete essa mesma situação várias vezes, até que a filha começa a fazer igual. Finalmente, a mãe resolve parar e brincar com a criança.

A mãe inicia a interação com a bola de sabão, a criança se interessa e participa, mas repentinamente a mãe desiste e não deixa mais a menina brincar com a bolinha. Depois a filha inicia interação com a brincadeira do lego, a mãe corresponde dando as peças e logo em seguida L. derruba a peça e a mãe entra na situação lúdica dizendo: “caiu”.

Mais para o final da gravação não há fala, apenas a mãe entrega a peça para a menina e depois elas mudam de brincadeira e tentam o cara a cara maluco, mas parece que é algo mecânico. Apenas fazem tentativas e colocam as peças nos seus lugares.

Conclui-se que mesmo sendo muito difícil de ocorrer há uma comunicação e uma interação entre mãe e filha, apesar da mãe utilizar aquele espaço como algo para saber se a menina está escutando. Conseqüentemente, ela não se preocupa com a brincadeira, mas apenas em testar se sua filha escuta.

Conclusão

Conclusão

Pode-se observar com a análise das gravações que nas relações mãe-filho a comunicação sobre forte interferência do desejo de fazer com que os filhos falem ou respondam auditivamente ao som. A interação se estabelece baseada num treinamento que reflete o anseio da mãe acima citado. percebe-se claramente que a preocupação das mães é fazer com que a criança escute ou pronuncie certo, tomando assim o papel de terapeuta e não de mãe preocupada com a comunicação. Por consequência as crianças utilizam esses mesmos artifícios para conseguirem pedir o que querem, assim criando um atraso de linguagem, pois a aquisição de linguagem depende também da linguagem espontânea entre criança surda e família ouvinte. A única exceção dessa análise, é o vídeo da Giovana, no qual o pai se preocupa com o brincar lançando mão da Libras como meio de comunicação.

Conclui-se que há uma interação e uma comunicação entre pai e filha, sendo presente a comunicação espontânea.

Ao averiguar as amostras, quem realmente obteve sucesso na realização da comunicação junto com o brincar foi com a junção da linguagem oral e de sinais na comunicação, pois a criança que naquele momento utilizava a linguagem oral sabia Libras assim como seu pai, o que promovia uma comunicação mais efetiva. Há um entendimento do que é dito um com o outro em que os sinais foi utilizada como língua inicial para depois lançar-se mão da linguagem oral.

Para Grosjean, a língua de sinais deve ser a primeira língua adquirida pelas crianças surdas por ser uma língua que assegura uma comunicação completa e integral. Diferentemente da língua portuguesa, a língua de sinais permite às crianças surdas pequenas se comunicarem com os pais, desde que ambos adquiram essa língua. O aprendizado da língua de sinais possibilitará à criança compreender o que está sendo falado e a levará a ter uma aquisição facilitada da língua oral. Finalmente, o fato de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança seja inserida no mundo, ao menos de uma maneira, dentro de um grupo de iguais com quem ela se sentirá confrontável em decorrência da igualdade (MOURA, 2000).

O mesmo autor relata que a segunda língua das crianças surdas será a língua majoritária do seu país. Esta língua, na sua modalidade falada e/ou escrita normalmente é a língua da sociedade que os cerca.

Os achados deste trabalho mostram que o uso de sinais pode ser muito útil para promover o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas, possibilitando que a criança possa ser inserida tanto na comunidade surda como na ouvinte

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

BUTUGAN, O.; SANTORO, P. P.; ALMEIDA, E. R.; SILVEIRA, A. M.; GRASEL, S. S. **Diagnóstico precoce da Deficiência auditiva no primeiro ano de vida de crianças com alto risco através de audiometria de tronco cerebral.** In: <http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/461.pdf>. Acesso em: dia 20 de outubro de 2011.

BRITO, L. F.; **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

CECATTO, S.B.; GARCIA, R. I. D.; COSTAS, K. S.; ABDO, T. R. T.; REZENDE, C.E.B; RAPOPORT P. B.. Rev, Bras. Otorrinolaringol; **Análise das principais etiologias da deficiência em Escola Especial “Anne Sullivan”**; 69 (2): 235; 2003.

DAVIS, L.J.; **Enforcing normalcy: disability, deafness and the body.** Nova York: Verso, 1995.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo.** Rio de Janeiro: Agir, 1989.

GASPERI, L. S. ; DANESI, M.C. **Reflexões em torno do atendimento fonoaudiológico em um caso de surdez.** In: Arqueiro, INES, vol.9, Jan/Jun, Rio de Janeiro.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, Surdez e Educação.** São Paulo: 2ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

GROSEJAN, F. **O Direita da Criança Surda de Crescer Bilíngue.** In: http://www.francoisgrosjean.ch/Portuguese_Portugais.pdf. Acesso em: dia 20 de outubro de 2011.

HARRISON, K. M. P. **A surdez na família, uma análise de depoimentos de pais e mães.** Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 1994.

KESSLER, T. M., **A surdez que se faz ouvir: sujeito, língua e sentido.** Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras/ UF: Santa Maria, RS, 2008.

KUBASKI, C.; MORAES, V. P. **O bilingüismo como proposta educacional para crianças surdas.** In:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2011.

MARCHESI, A. **Comunicação, linguagem e pensamento.** In: CALL, C.; PALÁCIOS J. & MARCHESI, A. (Orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MCCOLLUM, A. T. Gireving Over the Lost Dream. **Excepcional Parent.** 14, 1984.

MILLER, H. **Ninguém é Perfeito: Vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais.** Campinas: Papyrus, 1995.

MOURA, M. C. **O Surdo: Caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter Editora, 2000.

MOURA, M.C. **As Leis e a Realidade.** In: MOURA, M. C.; VERGAMINNI, S. A. A.; CAMPOS, S.R. L. Educação para Surdos: Práticas e Perspectivas. São Paulo: Editora Santos, 2008.

MORIM, R.M.C.; ALMEIDA, K. **Estudo do benefício e da aclimatização novos usuários de próteses auditivas.** Pró-Fono Revista de Atualização Científica; 19(1); 39-48; Barueri, São Paulo:2007.

NASCIMENTO, L. C. R. **Fonoaudiologia e Surdez: Uma Análise dos Percursos Discursivos da Prática Fonoaudiológica no Brasil.** Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

PASSOS MC. **Família e clínica fonoaudiológica, em tese.** In: Passos, M C (org.) Fonoaudiologia – recriando seus sentidos. Interfaces. São Paulo: Plexus, 1996.

PEREIRA, M. C. C. **Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1989.

PEREIRA, M., C., C. **O gesto na interação mãe ouvinte-criança deficiente auditiva.** DELTA, p. 1-17, vol. 3, n° 1. São Paulo: Editora Policy, 1987.

PERRONI, M.C. **O que é o dado em aquisição da linguagem?.** In: CASTRO, M. F. P. (org.) O método e o dado no estudo da linguagem. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas.** In:<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em: dia 14 de junho de 2011.

SILVA, L. P. A.; QUEIROS, F.; LIMA, I. **Fatores etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes de um centro de referência APADA em Salvador-BA.** Rev. Bras. Otorrinolaringol; 72(1) Jan./Fev.; 2006.

SKLIAR, C. **Abordagens Sócio-antropológicas em Educação Especial.** In: Skliar, C. (org.) Educação e Exclusão – Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=208&Itemid=194 acesso: dia 10 de novembro de 2011.

Anexos

Anexos

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ portador do RG nº _____ CPF nº _____ residente no endereço _____ na cidade de _____ estado _____, telefone _____, estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “A criança e a família: compreendendo a relação comunicativa” realizado pela estudante de fonoaudiologia Paula Scarel de Medeiros sob orientação da Profa. Dra. Maria Cecilia de Moura. Entendi que o propósito do estudo é como é a comunicação entre a criança surda e sua família. Para isso deixarei que façam uma gravação minha com meu filho. Sei que ficarei ocupado por cerca de 30 minutos para a pesquisadora conseguir fazer um levantamento da gravação. Sei também que os resultados obtidos serão analisados e descritos; que os registros serão de acesso exclusivo do pesquisador e membros autorizados da pesquisa; que os resultados poderão vir a ser publicados ou apresentados em congressos profissionais e publicados em revista científica, sendo sempre mantido o sigilo sobre minha identidade, a menos que a Lei as requisite. Sei ainda que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e que posso esclarecer qualquer dúvida, bem como ter acesso ao andamento da pesquisa quando assim o desejar entrando em contato com a estudante de fonoaudiologia Paula Scarel de Medeiros pelo telefone (13) 78092144.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo realizado. Recebo uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Pesquisador(a) – orientando(a)	Pesquisador – Orientador	Comitê de Ética em Pesquisa¹
---------------------------------------	---------------------------------	--

¹ Esta pesquisa foi encaminhada para análise e revisão ética do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP – campus Monte Alegre, obtendo aprovação em 12/09/2011 sob o protocolo de pesquisa e parecer nº 209/2011.

<p>Tel. (11) Cel. (e-mail:</p>	<p>Tel. Cel. e-mail:</p>	<p>Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP R. Ministro Godói, 969 – sala 63C 05015-001 – Perdizes – São Paulo – SP Tel. (11) 3670-8466 e-mail: cometica@pucsp.br</p>
---	----------------------------------	--

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Assinam o presente em (02) duas vias de igual teor, na presença de duas testemunhas

Paula Scarel de Medeiros

Autora da pesquisa
CPF: 338.553.368-65
RG: 44.958.436-7

Docente orientador
CPF:
RG:

Fulano de Tal

Sujeito participante da pesquisa
CPF:
RG:

Testemunha 1:

CPF:
RG:

Testemunha 2:

CPF:
RG: